Moisés Sbardelotto

E o Verbo se fez rede

Religiosidades em reconstrução no ambiente digital

sepac

Paulinas

Sumário

Prefácio – Os grandes desafios da comunicação digital na pastoral – Antonio Spadaro 15

Introdução

1 – Gênese e encarnação do "Verbo em rede" 23

Parte I

2 – A trama das "redes do Verbo": contextos, método, problema 37

3 – Midiatização: a relação entre sociedades, tecnologias e sentidos 67

4 – Midiatização digital: a relação entre redes sociais e redes digitais 79

5 – Midiatização digital da religião: a relação entre o ambiente digital e o fenômeno religioso 95

Parte II

6 – Uma "ponte digital" entre a Igreja e o mundo: o caso @Pontifex_pt no Twitter 111

7 – A voz on-line da Igreja: o caso Rádio Vaticano – Programa Brasileiro no Facebook 151

8 – O rosto jovem da Igreja em bits e pixels: o caso Jovens Conectados no Facebook 177

9 – As "periferias existenciais" da Igreja em rede:
caso Diversidade Católica no Facebook 213

Parte III

10 – Religiosidades em midiatização digital:
a emergência das redes comunicacionais 253

11 – A circulação midiática em rede:
a emergência do dispositivo conexial.....265

12 – A reconstrução do "católico" em rede:
a emergência do leigo-amador e das heresias comunicacionais.....297

Conclusões

13 – Entre raízes e asas:
por uma práxis conexial da Igreja 345

Posfácio – O futuro das "espiritualidades digitais" –
Stewart M. Hoover 375

Referências.....381

Prefácio
Os grandes desafios da comunicação digital na pastoral

Antonio Spadaro, S.I.[1]

A internet é uma realidade que já faz parte da vida cotidiana: não uma opção, mas um fato. A rede, hoje, se apresenta como um tecido conectivo das experiências humanas. Não um instrumento. As tecnologias da comunicação, portanto, estão criando um ambiente digital no qual o ser humano aprende a se informar, a conhecer o mundo, a estreitar e a manter vivas as relações, contribuindo para definir também um modo de habitar o mundo e de organizá-lo, guiando e inspirando os comportamentos individuais, familiares, sociais. Por essa razão, "o ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade diária de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens" (Bento XVI). A evangelização não pode desconsiderar essa realidade.

E é esse fenômeno que Moisés Sbardelotto aprofunda neste seu livro, de modo articulado, preciso e profundo, ao mesmo tempo. Sua pesquisa começa justamente a partir da presença da Igreja Católica em rede, nas suas várias expressões, partindo da clarividente e histórica decisão de Bento XVI de criar a sua conta *@Pontifex* no Twitter, até as manifestações mais difusas nas *social networks* de expressões individuais e coletivas que fazem referência ao catolicismo. Nesse processo, ele analisa a "circulação" da experiência e da práxis católica, em muitas de suas luzes e sombras.

Este livro de Sbardelotto, portanto, nas suas abordagens "poliédricas", como diria o Papa Francisco, me oferece a oportunidade de expor quatro grandes desafios importantes que a comunicação digital coloca

---

[1] Diretor da revista *La Civiltà Cattolica*, Roma (Itália), e consultor do Pontifício Conselho para a Cultura.

à pastoral eclesial, considerando, como escrevera Bento XVI, que "as redes sociais são alimentadas por aspirações radicadas no coração humano". Estes desafios podem servir de chaves para uma leitura também pastoral das considerações de Sbardelotto, eclesialmente atuais e teologicamente instigantes.

Da pastoral da resposta à pastoral da pergunta

Vivemos bombardeados por mensagens, sofremos uma sobreinformação, a chamada *information overload*. No tempo dos sistemas de busca, as respostas estão ao alcance das mãos, estão por toda a parte. Por isso, é importante hoje não tanto dar respostas. Todos dão respostas! "*The teacher doesn't need to give any answers because answers are everywhere*"[2] (Sugata Mitra, professor de Tecnologia Educacional da Newcastle University). Hoje, é importante reconhecer as perguntas importantes, as fundamentais. E, assim, fazer com que a nossa vida permaneça aberta, para que Deus ainda nos possa falar.

O anúncio cristão hoje corre o risco de apresentar uma mensagem ao lado de outras, uma resposta dentre muitas. Mais do que apresentar o Evangelho como o livro que contém todas as respostas, deveríamos aprender a apresentá-lo como o livro que compreende todas as perguntas certas.

A grande palavra a ser redescoberta, então, como Sbardelotto nos mostra em suas conclusões, é uma velha conhecida do vocabulário cristão: o discernimento espiritual, que significa reconhecer, entre as tantas respostas que hoje recebemos, quais são as perguntas importantes, as verdadeiras e fundamentais. É um trabalho complexo, que requer uma grande sensibilidade espiritual. "Nunca se deve responder a perguntas que ninguém se põe" (*Evangelii Gaudium*, 155).

A Igreja sabe se envolver com as perguntas e as dúvidas das pessoas? Sabe despertar as questões insuprimíveis do coração, sobre o sentido da existência? "É preciso, portanto, saber-se inserir no diálogo com os

---

[2] "O professor não precisa dar nenhuma resposta, porque as respostas estão por toda parte" (NT).

homens e mulheres de hoje, para compreender os seus anseios, dúvidas, esperanças" (Mensagem do Santo Padre Francisco para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais – "Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro", 2014).

Da pastoral centrada nos conteúdos à pastoral centrada nas pessoas

Hoje também está mudando a modalidade de fruição dos conteúdos. Estamos assistindo ao colapso das programações... Até algum tempo atrás, a MTV (Music Television), entre os jovens, era considerada uma emissora *"cult"*. Agora, está passando por uma crise ou, se quisermos, uma transformação.

Os jovens, de fato, agora fruem a música na internet, e não há mais razões para que a desfrutem na TV. A TV é um ruído de fundo, o zumbido do mundo. Deixa-se que ela fale... Raramente, hoje, ela encontra lugar nos quartos dos jovens. Hoje, além disso, o "ver" implica seleção e a possibilidade do comentário e da interação. E essa possibilidade é dada por uma *social network* como o YouTube.

A fé parece participar dessa lógica. Os programas são substituídos pelas buscas pessoais e pelos conteúdos sempre acessíveis em rede. A catequese era uma forma de apresentar de forma ordenada, coerente e marcada os conteúdos da fé. Em um tempo em que as grades de programação estão em crise, essa modalidade de apresentar a fé está em crise.

Que desafios tudo isso coloca à fé e à sua comunicação? Como fazer com que a Igreja não se torne um "contêiner" a ser mantido ligado como um televisor que "fala" sem comunicar?

Encontramos uma direção de resposta a essa pergunta em uma passagem de Dom Claudio Maria Celli, ex-presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais – entrevistado também por Sbardelotto neste livro –, no seu discurso ao Sínodo dos bispos sobre a Nova Evangelização:

> A hierarquia eclesiástica, assim como a política e social, deve encontrar novas formas para elaborar a própria comunicação, para que a sua contribuição a esse fórum receba a devida atenção. Estamos aprendendo a superar o modelo do púlpito e da assembleia que escuta por respeito à nossa posição. Somos

> obrigados a expressar a nós mesmos de modo a envolver e convencer os outros que, por sua vez, compartilham as nossas ideias com os seus amigos, *"followers"* e parceiros de diálogo.

A vida da Igreja é chamada a assumir uma forma cada vez mais comunicativa e participativa.

Da pastoral da transmissão à pastoral do testemunho

A verdadeira novidade do ambiente digital é a sua natureza de *social network*, como Sbardelotto nos apresenta com aprofundamentos teóricos e empíricos. Ou seja, o fato de que ele permite que surjam não só as relações entre mim e você, mas também as minhas relações e as suas relações. Ou seja, em rede, emergem não só as pessoas e os conteúdos, mas também as relações.

Comunicar, portanto, não significa mais transmitir, mas compartilhar.

A sociedade digital não é mais concebível e compreensível somente através dos conteúdos. Acima de tudo, não há as coisas, mas as "pessoas". Há, sobretudo, as relações: o intercâmbio dos conteúdos que ocorre dentro das relações entre as pessoas. A base relacional do conhecimento em rede é radical.

Entende-se bem, portanto, como é importante o testemunho. Esse é um aspecto determinante, como aponta Sbardelotto. Hoje o ser humano da rede confia nas opiniões em forma de testemunho. Nesse sentido, o cristão que vive imerso nas redes sociais é chamado a uma autenticidade de vida muito desafiadora: ela toca diretamente o valor da sua capacidade de comunicação. De fato, Bento XVI escreveu na sua Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações de 2011: "Quando as pessoas trocam informações, estão já a partilhar-se a si mesmas, a sua visão do mundo, as suas esperanças, os seus ideais".

O Documento de Aparecida, no número 145, afirmava claramente: "A missão não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (cf. At 1,8)". A fé, portanto, não é só "transmitida", como também nos diz Sbardelotto, mas, sobretudo, também pode ser suscitada no encontro pessoal, nas relações autênticas.

Ainda o Documento de Aparecida, no número 489, embora tendo sido escrito antes do nascimento das *social networks*, já afirmava: "Os sites podem reforçar e estimular o intercâmbio de experiências e informações que intensifiquem a prática religiosa através de acompanhamentos e orientações".

Da pastoral da propaganda à pastoral da proximidade

Evangelizar não significa fazer "propaganda" do Evangelho. A Igreja em rede é chamada, portanto, não a uma "emissão" de conteúdos religiosos, mas a um "compartilhamento" do Evangelho. De certo modo, é o desafio de uma "práxis conexial", proposta por Sbardelotto à Igreja de hoje.

E, para o Papa Francisco, essa partilha é ampla. Ele escreve claramente: "A internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus". O papa parece ler na rede o sinal de um dom e de uma vocação da humanidade a ser unida, conectada, "conexial".

Revive, graças às novas tecnologias da comunicação,

> o desafio de descobrir e transmitir a "mística" de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 87).

Por fim, a rede certamente não é desprovida de ambiguidades e utopias. Em todo o caso, a sociedade fundada sobre as redes de conexão começa a colocar desafios realmente significativos tanto para a pastoral quanto para a própria compreensão da fé cristã, a partir da sua linguagem de expressão. Estamos diante de uma verdadeira "Reforma digital", como salienta Sbardelotto. Os desafios são exigentes. A nossa tarefa o é igualmente.

Nesse sentido, para concluir e, ao mesmo tempo, para abrir à leitura desta atual e necessária pesquisa de Sbardelotto, encerro com esta sua conclusão:

> O catolicismo contemporâneo vai se constituindo não apenas como aquilo que é "enunciado" pela instituição eclesiástica e seus representantes autorizados,

> mas principalmente por aquilo que é "anunciado" pela comunidade eclesial em geral, pelas diversas pessoas católicas, em rede ou fora dela, em seus diversos níveis, em suas variadas interações sociais, sendo, portanto, diversa e difusamente posto em circulação, reconhecido e reconstruído. O catolicismo, na era digital, continua se manifestando como historicamente enraizado e institucionalmente estruturado, mas também como contemporaneamente fluido e comunicacionalmente poliédrico.

E é nesse processo, entre as "tramas" das redes, que Sbardelotto nos insere com este seu livro, tão atual quanto necessário.

1
Gênese e encarnação do "Verbo em rede"

"No princípio, Deus criou o céu e a terra.
A terra estava sem forma e vazia;
as trevas cobriam o abismo
um vento impetuoso soprava sobre as águas.
Deus disse: 'Que exista a luz!'. E a luz começou a existir.
Deus viu que a luz era boa.
E Deus separou a luz das trevas:
à luz Deus chamou 'dia', e às trevas chamou 'noite'.
Houve uma tarde e uma manhã: foi o primeiro dia."
(Gênesis 1,1-5)

"No princípio..." Como no relato do livro bíblico do Gênesis, este livro também começou em uma "terra sem forma". Nela, entre "trevas", percebíamos um "abismo" encoberto na interface entre os processos midiáticos e as práticas religiosas contemporâneas. E nos sentimos impelidos a aprofundá-lo. Inicialmente, estávamos desorientados diante de um "vento impetuoso" de perguntas que "soprava sobre as águas" desse fenômeno comunicacional. Mas, aos poucos, "a luz começou a existir".

"Redes", "redes sociais", "redes digitais", "redes midiáticas": tudo é "rede". Com o desenvolvimento da internet e do ambiente digital, as pessoas, hoje, encontram novas formas de relação e de interação, sem fronteiras de espaço e sem limites de tempo. Não é novidade dizer que as últimas décadas foram marcadas por uma reviravolta comunicacional, uma verdadeira "revolução digital". Os 10 mil dias que estremeceram

o mundo.[1] Assim, passamos a viver em uma sociedade da comunicação e da conexão, em velocidade e abrangência crescentes.

Para as religiões em geral, esse é um grande desafio contemporâneo. O ambiente digital emerge[2] como um novo lócus religioso e teológico. Formam-se novas modalidades de percepção, de experiência e de expressão do "sagrado" em novos ambientes comunicacionais. E as práticas sociais no ambiente *on-line*, a partir de lógicas midiáticas, complexificam hoje o fenômeno religioso. Isso diz respeito especialmente às tradições religiosas mais históricas, como o Cristianismo, dada a sua existência bimilenar, em sua relação com esse *novum* comunicacional contemporâneo.

Neste livro, abordamos a interface comunicacional de uma das facetas do Cristianismo, o catolicismo brasileiro em rede.[3] O interesse pelo catolicismo se deve, primeiramente, à relevância sócio-histórico-cultural da Igreja Católica no Brasil.[4] Para além dos dados estatísticos, a tradição, a doutrina e a prática religiosa do catolicismo constituem uma *referência comunicacional da cultura no Brasil*, porque, embora a população católica brasileira esteja em queda nos últimos anos, "não se pode afirmar que o catolicismo deixou de figurar como *uma das referências religiosas estruturantes da nacionalidade e da cultura nacionais*" (Steil; Toniol, 2013, p. 224, grifos nossos). E, se a cultura é construída por "mediações comunicativas" (Martín-Barbero, 2009), são estas que

---

1 Segundo Scolari (2013), desde o surgimento das interfaces gráficas dos computadores (com o Macintosh, da Apple, em 1984) e da Web (a *World Wide Web*, WWW, em 1992), o mundo passou por uma explosão sociotecnocultural, cujos desdobramentos ainda são experimentados por nós em vários sentidos.

2 "Emergência" diz respeito ao surgimento de uma qualidade nova com relação às qualidades anteriores dos elementos de um fenômeno. Ela é ao mesmo tempo fenomênica (por ser produzida pela organização do sistema em que nasce), mas também epifenomênica (por seu caráter acontecimental, novo, que retroage sobre o fenômeno) (Morin, 2008).

3 Isso não impede, entretanto, que o leitor e a leitora encontrem aqui elementos para uma reflexão ampliada, que vá além dessa especificidade religiosa e até mesmo do próprio âmbito religioso, a partir de uma leitura transversal, relacionando outros fenômenos e contextos.

4 Em termos quantitativos, os dados apontam uma redução histórica do número de católicos no território brasileiro: em 1872, 99,7% da população brasileira era católica; em comparação, no ano 2000, 73,6% dos brasileiros permaneciam católicos. Contudo, ainda hoje, a Igreja Católica detém a maioria religiosa da população do país, com 64,6% do total (dados mais recentes segundo o Censo 2010 do IBGE. Dados do Censo 2010 do IBGE, disponíveis em: <http://migre.me/ddYsQ>.

nos instigam em relação ao catolicismo contemporâneo, especialmente em tempos de plataformas sociodigitais.[5]

A Igreja Católica, ao longo do tempo, tentou se aproximar, captar e responder a esses "sinais dos tempos" comunicacionais. Um grande marco histórico, nesse sentido – anterior à "revolução digital", mas que serviu de horizonte para os passos comunicacionais eclesiais posteriores –, foi a publicação do decreto *Inter mirifica*, sobre os meios de comunicação social, aprovado em 1963 pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.[6] Foi a primeira vez na história que um Concílio da Igreja abordou, em um documento próprio, a comunicação, reconhecendo e assumindo, assim, os "novos caminhos" abertos para a manifestação do "espírito humano" (n. 1). Promulgado pelo Papa Paulo VI, o decreto exalta as *"mirifica technicae artis"*, as "admiráveis artes técnicas" inventadas pelo engenho humano para a comunicação humana, que, à época, tornava-se realmente *social*. A partir delas, a Igreja via o favorecimento também da sua própria missão de "pregar a mensagem da salvação" (n. 3).

Outro grande marco histórico ocorreu no papado de João Paulo II (1978-2005), o primeiro pontífice que reconheceu a "revolução das comunicações e da informática em pleno desenvolvimento" (2002, s/p) e que efetivamente inseriu a Igreja no processo de digitalização. Segundo alguns relatos, ao conhecer as potencialidades da nascente internet, o papa perguntou aos seus assessores: "Por que a Santa Sé ainda não está lá? Quem deve decidir isso?". Responderam-lhe: "Cabe ao senhor, Santo Padre". E o papa: "Mas então que se faça!". Foi assim que, de forma inovadora no âmbito eclesial, no dia 30 de março de 1997, domingo de Páscoa, foi inaugurado o site da Santa Sé (www.vatican.va). E, em 2001, o papa polonês também enviou o primeiro e-mail pontifício, cujos des-

---

[5] Entendemos por plataforma sociodigital aqueles padrões comunicacionais *on-line* caracterizados por interfaces e protocolos multimodais específicos, como Twitter, Facebook, Instagram etc. Cada um desses padrões comunicacionais envolve, ao mesmo tempo, *softwares*, sites e aplicativos próprios, todos interconectáveis, que também podem se inter-relacionar com as demais plataformas e podem ser acionados mediante os mais diversos aparatos digitais (computador, celular, tablete), a eles se ajustando de modo interdependente. O conceito será mais aprofundado ao longo do livro.

[6] O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) foi uma assembleia da cúpula mundial da Igreja Católica, com a participação dos papas – primeiro, João XXIII e, depois, Paulo VI – e de mais de 2 mil cardeais e bispos do mundo inteiro, além de demais membros da hierarquia, religiosos/as, leigos/as auditores/as e delegados de outras confissões cristãs. Tal evento, de certa forma, revolucionou o catolicismo a partir do século XX. Com informações da Wikipédia, disponíveis em <https://goo.gl/BhneC4>.

tinatários eram os bispos do mundo, contendo como anexo a exortação pós-sinodal *Ecclesia in Oceania*.

Já durante o pontificado de Bento XVI (2005-2013), a Igreja aprofundou ainda mais as suas reflexões e ações em relação à internet. Foi o pontífice alemão que identificou o surgimento de uma "nova cultura da comunicação" (ibid., 2009, s/p). Segundo ele, a revolução digital era uma verdadeira reviravolta comunicacional, pois a "transformação operada no campo das comunicações guia o fluxo de grandes mudanças culturais e sociais" (2011, s/p). Também foi Bento XVI que deu outro grande passo comunicacional de aproximação da Igreja ao fenômeno digital. Isso ocorreu em 2011, quando, com grande repercussão midiática, o pontífice lançou mundialmente o portal *News.va*, uma iniciativa comunicacional da Santa Sé para reunir em um único site as notícias produzidas pelas diversas mídias vaticanas e para também buscar maior inserção da Igreja Católica nas plataformas sociodigitais. O surpreendente, contudo, foi a forma como se deu tal lançamento e os seus desdobramentos. No dia 28 de junho de 2011, a equipe responsável pela criação da plataforma reuniu-se com o então papa para disponibilizá-la ao público. Para isso, diante de um tablete, solicitaram que o pontífice tocasse na tela e enviasse uma inédita e histórica mensagem pontifícia via Twitter:[7] o primeiro "tuíte" papal da história da Igreja.

O envio dessa mensagem, marcado pelo ineditismo e contemporaneidade da modalidade comunicacional, detinha um relevante caráter histórico entre os principais gestos comunicacionais da Igreja Católica ao longo da história – comparável à primeira imagem registrada em filme de um papa, Leão XIII, em 1896;[8] à primeira transmissão da voz papal no rádio, em 1931, quando foi fundada a Rádio Vaticano por Pio XI;[9] à primeira transmissão de imagens papais na televisão, em 1949, com Pio

---

[7] O Twitter (palavra que significa "gorjear", em inglês, cujo logotipo é um pássaro azul) foi fundado em 2006, também na Califórnia, e se define como "uma rede de informações composta de mensagens com 140 caracteres, conhecidas como *Tweets*" (disponível em <https://support.twitter.com/articles/262253>). A empresa assume como missão "capacitar todos os usuários a criar e compartilhar ideias e informações instantaneamente, sem qualquer barreira". Segundo dados oficiais de junho de 2016, o Twitter conta com 313 milhões de usuários ativos mensalmente, sendo que 79% das contas estão fora dos EUA. Mais de 1 bilhão de tuítes são enviados por dia. (disponível em <https://about.twitter.com/pt/company>.).

[8] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vzLduvnW-FA>.

[9] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0yaZWYNw0sc>.

XII,[10] ou ainda ao primeiro e-mail enviado oficialmente por um papa, João Paulo II, em 2001.

O momento do envio do primeiro tuíte papal foi registrado em vídeo pela instituição religiosa,[11] repercutindo depois nas publicações das mídias corporativas mundiais. Nas imagens registradas, percebe-se, por parte de Bento XVI, a curiosidade diante da "novidade" da comunicação midiática digital, assim como a dificuldade de manuseio da tecnologia para o envio da mensagem – o seu dedo, quase trêmulo, ao pressionar a tela do tablete, não ativa o *software* na primeira tentativa (Fig. 1).

Figura 1 – Papa Bento XVI envia seu primeiro "tuíte"
Fonte: <http://goo.gl/rXqae>.

Ambas as coisas – a repercussão midiática em torno do envio histórico de um tuíte papal e a "trêmula" relação do pontífice com a tecnologia – nos revelavam a existência de um "abismo" encoberto – parafraseando o texto do Gênesis – que começava a se manifestar "entre trevas" para nós como pergunta a ser investigada. Ou seja, ao mesmo tempo que a cúpula da Igreja contava com a presença de um pontífice idoso, com mais de 80 anos, que nunca usava o computador e escrevia todos os seus documentos e livros manualmente a lápis, sem recorrer a

[10] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r8IpsH3XGtk>.

[11] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tty87WDBukk>.

qualquer outro aparato eletrônico,[12] a instituição – sob sua liderança – investia seus esforços em novas modalidades comunicacionais. A ideia parecia ser a de mostrar que, embora guardiã de uma tradição multissecular, a Igreja também conseguia falar as novas linguagens e "traduzir" a sua tradição e doutrina para o contexto das plataformas sociodigitais, "onde o conhecimento é partilhado no âmbito de intercâmbios pessoais" (Bento XVI, 2011, s/p).

Por outro lado, o texto da inédita mensagem papal via Twitter, enviada em inglês pela conta do *News.va*, trazia elementos muito instigantes. O pontífice afirmava: "Queridos amigos, acabo de lançar o *News.va* [link]. Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo! Com minhas orações e bênçãos, Bento XVI" (Fig. 2).

Figura 2 – Primeiro "tuíte" papal da história
Fonte: <https://twitter.com/news_va_en/status/85740997933404160>.

O conteúdo da mensagem apontava para novas expressões religiosas que emergiam graças às mediações digitais, principalmente, a proximidade construída pelo pontífice junto aos seus leitores e leitoras, e possibilitada pela mediação tecnológica ("queridos amigos"). Mas também novas modalidades de vínculo com o "sagrado" no ambiente digital ("louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo") e novas práticas religiosas em rede ("orações e bênçãos").

O gesto e a mensagem papais revelavam que, em um ambiente "secular" como o Twitter, sem qualquer vínculo direto com formas de expressão religiosa, um pontífice "descia" ao nível popular para se aproximar das pessoas – de qualquer uma, visto que os seguidores da conta, embora vinculada à Igreja Católica, não são necessariamente todos católicos –, chamando-as de "amigos" e dando-lhes a sua "bênção".

[12] Segundo a agência católica *Ecclesia*, disponível em: <http://goo.gl/E2kou4>.

Tal processo se exponenciou com a entrada do então Papa Bento XVI no Twitter, em 2012, com a criação das diversas contas *@Pontifex* (um dos casos de estudo deste livro), e, mais recentemente, com o ingresso do Papa Francisco no Instagram, em 2016, com sua conta *@Franciscus*.[13] Ou seja, agora, não se trata mais apenas da conta de um meio de comunicação vaticano (porta-voz, jornal, rádio, TV, site etc.), mas sim da *presença da própria instância máxima do catolicismo – o pontífice – em tais plataformas*. Emergem, assim, os primeiros *"papas-mídias"*,[14] pois as contas *@Pontifex* e *@Franciscus*, em sua personalização, apontam para um papa pessoalmente midiatizado em uma plataforma sociodigital ou, vice-versa, para uma mídia personificada na pessoa papal. No Twitter e no Instagram, portanto, a mediação comunicacional Igreja-mundo não se dá mais apenas pelas mídias vaticanas ou externas à Santa Sé (embora estas continuem complexificando o cenário). Agora, o próprio papa passa a ser uma *mídia-em-pessoa*.

Ou seja, tais presenças institucionais da Igreja nas plataformas sociodigitais manifestam ainda mais o reconhecimento de que a rede "tornou-se parte integrante da vida humana" (Bento XVI, 2011, s/p), e de que a Igreja não pode ignorar esse fenômeno. Não basta apenas uma presença *on-line* institucional em sites próprios (como o site do

---

[13] Disponível em: <https://www.instagram.com/franciscus/>. Em seu site, o Instagram se define como "uma maneira divertida e peculiar para compartilhar a sua vida com os amigos por meio de uma série de imagens". A empresa, que foi comprada pelo Facebook em 2012, explica que o Instagram é uma forma de construir "um mundo mais conectado através das fotos". Essa missão, portanto, passa a ser assumida pelo pontífice. Sua entrada na plataforma, não por acaso, ocorreu depois de receber a visita do presidente-executivo e cofundador do Instagram, Kevin Systrom, no dia 26 de fevereiro de 2016, no Vaticano. Na sua conta pessoal, Systrom postou uma foto desse primeiro encontro com o papa, afirmando que havia falado com Francisco "sobre o poder das imagens para unir as pessoas nas diferentes culturas e línguas". Celebrou-se, assim, um "compartilhamento" de intenções comunicacionais ("unir as pessoas") entre a empresa e a Igreja. No dia 19 de março de 2016, Systrom esteve novamente no Vaticano, onde acompanhou a postagem da primeira imagem pontifícia no Instagram. Logo depois, ele voltou a postar uma foto com o pontífice, escrevendo: "Assistir o Papa Francisco postar a sua primeira foto no Instagram hoje foi um momento incrível. @franciscus, bem-vindo à comunidade Instagram! As suas mensagens de humildade, compaixão e misericórdia vão deixar uma marca duradoura". E foi praticamente com as mesmas palavras que o papa se definiu na própria plataforma, em sua descrição pessoal, em inglês: "Eu quero caminhar com vocês pelo caminho da misericórdia e da ternura de Deus" ("I want to walk with you along the way of God's mercy and tenderness").

[14] Desde o Papa Leão XIII, em 1896, o primeiro pontífice a ter a sua imagem filmada, passamos a contar com *"papas midiáticos"*, em sentido contemporâneo, os quais encontraram o seu auge em São João Paulo II. Em tais casos, a construção de sentido social sobre a *persona* pontifícia era agenciada pelas operações midiáticas da Santa Sé: do porta-voz papal, do *L'Osservatore Romano*, da Rádio Vaticano, do Centro Televisivo Vaticano ou do *Vatican.va*, enfim, das mídias vaticanas em geral. A situação atual, contudo, é muito mais complexa.